

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921

Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

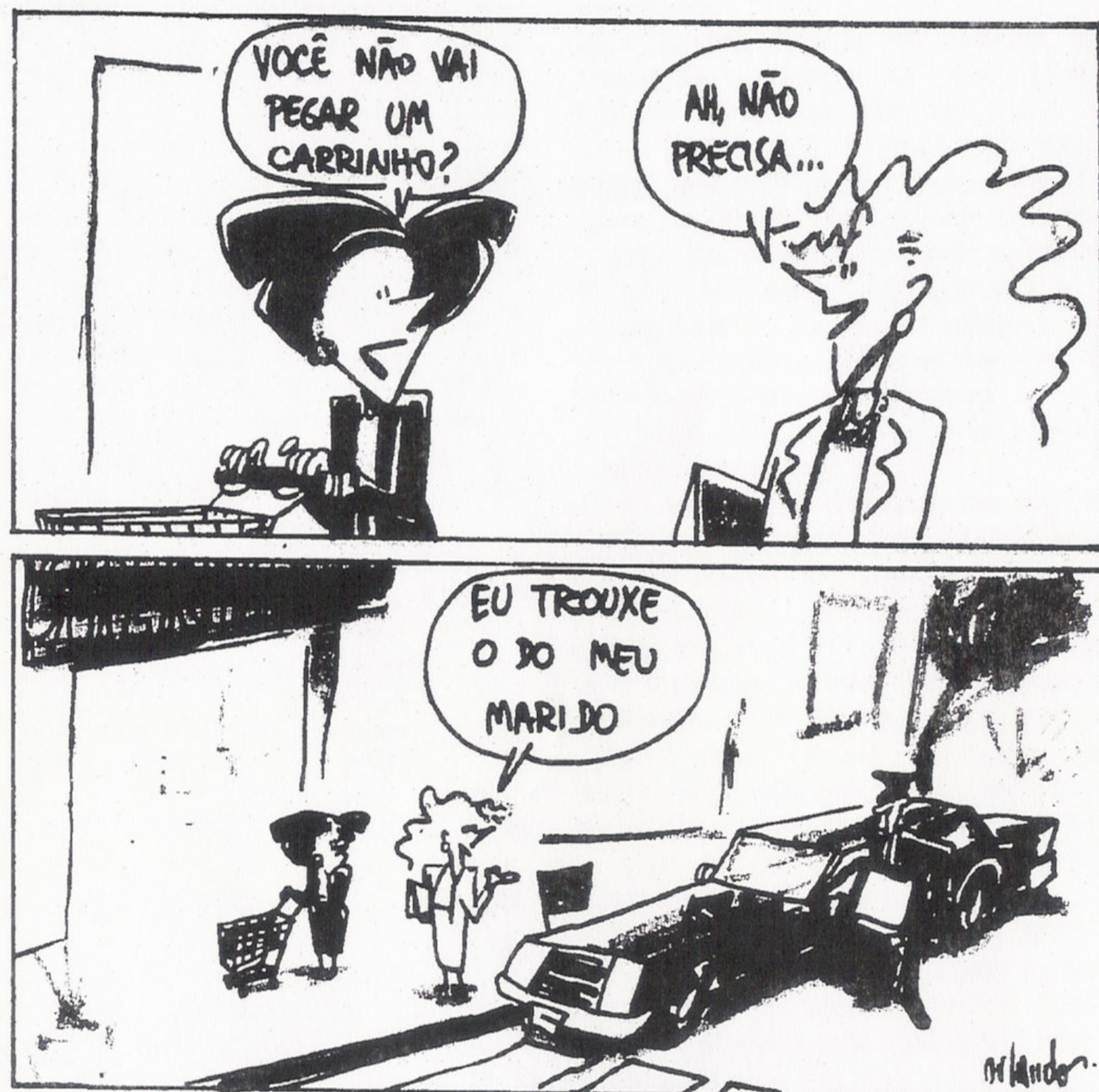
Diretor Presidente: Luís Frias

Diretor Editorial: Otávio Frias Filho

Diretor: Pedro Pinciroli Jr.

Conselho Editorial: Luiz Alberto Bahia, Rogério César de Cerqueira Leite,
Marcelo Coelho, Janio de Freitas, Matias Suzuki Jr.,
Gilberto Dimenstein, Luís Frias e Otávio Frias Filho (secretário)

opinião



O nó do ensino

Clóvis Rossi

SÃO PAULO — É lógico o governo dedicar praticamente a mesma quantidade de dinheiro a um grupo de apenas 300 mil pessoas e a outro composto por 28 milhões? Se a sua resposta foi não, você não vive no Brasil.

“O país está gastando 0,6% do seu Produto Interno Bruto em universidades com 300 mil alunos e outros 0,8% do PIB para manter 28 milhões de estudantes no primeiro grau”, diz Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica, vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisas Científicas, conforme o jornal “Gazeta Mercantil” de anteontem.

Basta uma continha elementar para se descobrir que o Brasil gasta cerca de US\$ 8 mil com cada dos 300 mil estudantes universitários, a grande maioria dos quais faz parte da elite, já que a universidade ainda é reduto privilegiado de quem tem dinheiro. Cada um dos 28 milhões que frequentam o primeiro grau fica com magros US\$ 114,28 ou 70 vezes menos.

É óbvio que manter um curso de nível superior custa mais do que o

antigo primário. Mas 70 vezes mais por pessoa?

Esse mecanismo perverso acaba por eternizar as desigualdades, essa enorme praga brasileira, mais uma vez apontada no anuário 1992 do IBGE. Como informação é poder, mais ainda no mundo moderno, é óbvio que, quem tem mais informação vai concentrar mais poder e, por extensão, mais renda. E só tem mais informação quem avança no processo educativo. Dado o ridículo investimento no ensino básico vai ser muito difícil criar uma quantidade suficiente de gente preparada.

O resultado já é visível nas estatísticas coletadas pelo IBGE: apenas 8,5% da população ocupada, que chega a 62 milhões de pessoas, estudou mais de 12 anos. Desses 62 milhões, 35,5% (ou 22 milhões) têm só quatro anos de estudos, sem mencionar os 19,6% de analfabetos totais.

Ou se faz uma revolução no ensino brasileiro ou o futuro será tão desastroso como o presente. Sei que é até acaciano escrever essas coisas mas, no Brasil, até o óbvio precisa ser repisado uma e outra vez.